

O lado escuro do céu

Estrela que brilha, lá na imensidão,
é a mesma que tenta brilhar
aqui na escuridão.
Se por um tempo elas desaparecem,
logo voltarão.

Algumas vão embora,
outras ficam a noite toda.
Estrela, se estiver cansada,
por favor, responda.

Se uma delas se destaca, uma outra,
numa outra vez, logo se destacará.
Não se preocupe, estrela, pois teu brilho
na imensidão do céu pairará.

Aquela estrela já se via apagando aos poucos,
o que outras, neste caminho, seguirão.
Mas se por um tempo elas desaparecem,
é porque logo voltarão.

A noite escura em que as estrelas vivem

Por cima das árvores esbranquiçadas,
as estrelas tentam se aconchegar.
“O inverno está chegando”, elas dizem,
e nesse tempo se revelam as almas frias.

Mas elas não estão sozinhas: Há os pinheiros,
onde outras estrelas ocupam o topo.
A visão do céu na noite escura
sempre parecera ilusória.

Enquanto o silêncio ecoa na imensidão,

e o ar endurece como gelo,
as estrelas lutam bravamente
pelo trono.

E cada trono,
que para cada rei é dado,
se transforma num destaque
em meio aos demais.
Mas os olhos talentosos podem perceber
que todas elas permanecem
com um brilho diferente.

Outros milhares de estrelas

Há muito tempo fora finalizado
o capítulo anterior.
As estrelas sumiram,
assim como as flores fogem do beija-flor.

E mesmo que as nuvens escondam,
ainda é possível imaginar
todas aquelas estrelas
desfrutando do mesmo reino.

Flutuam para outra galáxia,
uma luz bem acesa reflete
as cores entre si bagunçadas.
A mesma história se repete,
e outros milhares de estrelas são admiradas.

Veja aquela outra, cortando o céu,
mais veloz do que tudo
imobilizado ao seu redor.
Pois grande é o mundo,
mais grandioso ainda é poder vê-las.

Segure firme o telescópio, pois surgiram
outros milhares de estrelas.

Doce primavera

Um bom observador pode ver que
com a chegada da doce primavera,
as árvores cantam, as frutas dançam,
e os animais comemoram.

E todo o resto, assiste aos pássaros,
de todos os tipos, assobiando
enquanto criam e misturam
uma esplêndida melodia.

As pétalas, que compõem as flores,
se erguem e se prezam.
As flores, que compõem os campos,
o dia todo aquele lugar embelezam.

Todos dançam, enquanto sopra o vento
comandando o clima.
Ah, a natureza é uma obra-prima!

Terra molhada: Ar, doce ar

Com uma folha a menos,
o frio passa por entre seus galhos
mas você não o sente.
Suas raízes estão fixas na terra,
você evoluiu pela semente.

Se fosse tarde,
o melro no gramado a minha frente estaria
cantando sempre as mesmas canções
que alegam o meu dia.

O vento muda de direção,
a chuva pinga a última gota,
e juntos eles criam as nuvens

que acendem a imaginação de todos.

Ela é a rainha da natureza,
levando a todos ar puro
e compartilhando gentileza.
Pois com tamanha beleza,
ela pode até mesmo imaginar dias melhores.

A forte árvore escuta passos adiante,
após isso o dia perde a luz,
os pássaros se despedem,
e cedo ou tarde ela virá para a sua estante.

“Plante uma árvore”

Céu azul, nuvens confusas e estrelas distantes.
A falsa natureza se apaixonou,
ou ela encontrou outro amante?
O que do mundo sobrou?
Ainda há esperança para seguir adiante?
A dor está por todo o lugar, agora.

Não há mais harmonia,
não se sente a sintonia.
Não há mais sequer raios de sol
para aquecer o dia.
A dor está por todo o lugar, agora.

“Plante uma árvore”, agora novas estrelas pedem,
mas elas não sabem que há de todos os tipos.
E se realmente querem,
por que as abandonaram?

Sinceras desculpas, é o que as árvores querem.
“Plante uma árvore”, agora novas estrelas pedem,
mas elas não sabem que há de todos os tipos.
E se realmente querem,
por que as abandonaram?
A dor está por todo o lugar.

Papel

Papel, você o vê evoluir
de uma forma bizarra.
A mudança, é um nó
que o tempo amarra.

Tão branco e tão invisível,
seus olhos podem atravessá-lo.
Tão tolo e sensível,
você pode rasgá-lo.

Se é este o ciclo da evolução,
então não evolua.
Rabiscado, rasgado e então jogado fora.
Imaculado, sacrificado e então substituído.

Explorado como se ele fosse o desenho de um mapa,
com outras cópias ele se esconde por trás de uma capa.
Mas apesar dos traços, ele é apenas vazio, um nó sem fio,
e no entanto, se mantém forte feito mármore.
Sou um papel, mas gostaria de voltar a ser uma árvore.

Imensos espinhos

O homem varre o gramado com garras que arranham a terra,
e gentilmente joga algumas sementes.
Todos irão esperá-la crescer,
todos irão esperá-la crescer calmamente.

Alguns observam a semente, algo tão raro e complexo,
e se perguntam se neles poderia crescer um amor duradouro.
Se pergunta se tempos melhores poderia viver, o agouro.

Agora os animais se veem amedrontados
pelo som do trovão.

“Que cenário lamentável”, exclamam.
Pássaros desesperados, que não sabem mais o que é cantar,
apenas batem as asas, porque para longe querem voar.

Se aproximem, ela cresceu bastante,
mas nem todos podem vê-la.
Imensos espinhos ocultam a maior parte dessa árvore.

Fuja!

Branco e preto, são as cores
que esquentam as suas asas.
Pousado no cimento,
percebe-se que está longe de casa.

Branco e preto, são as cores
que esquentam as suas asas.
É o que lhe mantém forte,
é o que faz dos outros fracos.

Voe para longe dessa árvore,
não crie ninhos nela.
Branco e preto, são as cores
que esquentam as asas.
O passarinho está longe de casa,
ou pelo menos é isso que seu olhar revela.

Pela sua janela,
ele passa a cantarolar.
Nem mesmo o ar seco,
pode o impedir de voar.

Sem saída

Companhia? Ajuda? Um pouco de tudo viria a calhar.

E apesar de todo o tempo perdido,
o velho tolo ainda não aprendeu a amar.
O ciclo estará completo quando a terra se mover,
e a poeira levantar do chão.

E então, coração? O seu finalmente aprendeu a amar?
Este está perdido? Este está sangrando? Este está ferido?
Então, diga aonde sua alma está.
Não hesite em esquecer, caso o mundo lhe deixe de coração partido.

Os pés correm agilmente sem rumo,
e ninguém sabe quando param,
mas todos estarão lá
caso aconteça.

Velho tolo, o desespero é aquilo
que lhe faz lembrar
que ainda está respirando.
É o que o faz pensar:
Há quanto tempo a alma esteve chorando?

Continuará lutando? Pois agora a natureza chora,
pois agora é onde mora, por toda a vida.
Homens cruéis, lhe aprisionam
e o deixam sem saída.

O céu que castigava

Certa vez fora reconhecido, o céu pesado,
como o céu que castigava.
Quando dois mundos diferentes se colidem,
a guerra se aproxima.
O céu pesado, descansa o seu punho
na terra por todo o dia.

A terra era a que mais sofria: A chuva contribuía.
Ali se escondiam as minhocas. Fazer a grama
por cima crescer era a sua mania.

O raio que chicoteia dá início ao pesadelo.

Ele desliza suavemente pelo vento,
que o torna quebradiço,
que o torna lento.

Todos se fazem de cegos pois não querem ver,
o início do pesadelo, o início do desastre natural.
E a natureza é como um espelho,
cada rachadura representa o mal.

Um pedaço de vidro e um pedaço de arrependimento,
tudo permanece igual, igual ao que uma vez fora.
Furando a sua consciência,
por fim o céu que castiga faz chover lágrimas.

E embora as lágrimas não sejam de alegria,
elas lavam o local todo.
E embora seja escuro o dia,
a luz ainda está lá.

Ar poluído

O ar é pesado - e limitado,
mas tentará respirar
de qualquer forma.
É pesado pois as substâncias
que nele habitam
são as piores que existem.
É limitado pois a fragrância
da crueldade humana
o sugou como se ele fosse
o último suspiro de vida.

O ar, agora,
é uma cortina enlameada
que você atravessa.
E a fumaça,
que resume o lamento das árvores,
é carregada para cima,
onde com este ar desaparecem.

Tudo o que ouvimos é o ar enrijecido,

o som amargo do oxigênio
sendo expelido para fora,
e a luta constante
entre estações diferentes.

Natureza, outra vez ameaçada.
E então, no final de tudo,
quando o tudo se torna o nada...
Por que?

Silêncio total

Os pássaros não querem saber de sua mais nova composição,
os gatos recusam a refeição,
e os cães não o querem como amigo.
A chuva se inicia como alguém que diz: Neste mundo
não lhe há abrigo.

As estrelas, quando o veem,
piscam e desaparecem.
Ah, mas não o conhecem...
Pois se do anjo tens medo,
não estás preparado para o pior.

Jamais, nem no sonho mais louco,
permitirá a rejeição.
Mas o protesto é em vão.
Poderás se divertir?
Não, não, não...

A superfície da piscina é vazia,
mas quando chove você quase que se afoga.
Está imerso.
Afinal, aonde estamos no universo?

Agora, uma troca de olhares,
é o mesmo que contemplar o vazio.

Gaiolas e cadeados

Entre os muros, crescem raízes,
que ali se amarram,
como se sobrevivessem assim,
dependentes daquilo.
E o verde,
que ali ocupa,
como se mentisse para mim,
diz que encontrou o seu asilo.

Não são em gaiolas que vive o esquilo,
mas com cadeados os sentimentos são presos.
Não são em gaiolas que se constrói uma cidade,
pois contra a paz na natureza o homem garantiu esse apelo.

Afogamos a nós mesmos,
num mar de contradições.
Lá vamos nós outra vez,
manter em gaiolas as nossas emoções.

Os muros são fortes e duradouros,
não há com o que se preocupar.
Ninguém o irá destruir, nem mesmo o derrubar - não
enquanto de sua grandeza temerem.
Pois as raízes dependem dele,
e o verde se sente em casa - será porque
agora a grama se vê coberta de cinzas?

A paisagem abstrata

Por que as verdadeiras paisagens
foram mantidas em quadros?
Se naquela em que vivemos é tão colorida.
Colorida era, dolorida ela está,
pois com a tinta que na tela se usa,
não há como com ela por cima deste cinza pintar.